

OS JOVENS E AS TENSÕES DO COTIDIANO ESCOLAR*

THE YOUNG AND THE STRESS OF EVERYDAY SCHOOL
LOS JÓVENES Y LAS TENSIONES DEL COTIDIANO ESCOLAR



Gabriel Carvalho Bungenstab
Doutorando em Sociologia – UFG | Brasil
E-mail: gabrielcarv@msn.com

Felipe Quintão de Almeida
Doutor em Educação pela UFSC.
fjalmeida@hotmail.com

REVISTA PEDAGÓGICA

Revista do Programa de Pós-graduação em Educação da UnoChapecó | ISSN 1984-1566

Universidade Comunitária da Região de Chapecó | Chapecó-SC, Brasil

Como referenciar este artigo: BUNGENSTAB, G. C. ALMEIDA, F. Q. Os jovens e as tensões do cotidiano. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v.16, n.32, p. 217-233, jan./jul. 2014.

RESUMO: O artigo aborda a relação dos(as) jovens estudantes com o cotidiano escolar do ensino médio. Para tal, a pesquisa se desenvolveu em uma escola estadual que oferta o ensino médio na cidade de Vitória, Capital do Espírito Santo (ES). Observações do cotidiano escolar durante sete meses e a aplicação do questionário aberto com 130 jovens de quatro turmas de segundo ano ofereceram indícios de como os jovens se relacionam com o saber que são produzidos dentro da escola. Subsequentemente, foram separados quatro grupos que, ao responderem o questionário, se identificaram como “panelinhas”. Com esses grupos, foram feitas entrevistas de grupo focal com o intuito de entender melhor a visão que os jovens têm da escola. Conclui-se, com a ajuda do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, que há tensões envolvendo a escola, seu corpo pedagógico e os jovens alunos(as).

PALAVRAS-CHAVE: Ensino médio. Juventude. Zygmunt Bauman.

ABSTRACT: The article discusses the relationship of the young students with high school. For this purpose, the research has developed into a high school in the city of Vitória, capital of Espírito Santo (ES). Observations of daily school for seven months and the questionnaire opened with 130 young people in four groups of second year, offered evidence of how young people to be related to the knowledge that is produced within the school. Subsequently, four groups that were separated when answering the questionnaire identified themselves as “cliques.” With these groups, interviews were conducted focus group in order to better understand the vision that young people have school. It is concluded, with the help of the Polish sociologist Zygmunt Bauman, that there are tensions involving the school, the faculty and their young students.

KEYWORDS: High school. Young people. Zygmunt Bauman.

* Recorte da dissertação de mestrado intitulada: “Cultura jovem na cidade de Vitória/ES: as práticas corporais juvenis e sua relação com a Educação Física escolar”, realizada com apoio da Capes.

INTRODUÇÃO

Esse estudo tem como objetivo descrever o cotidiano escolar, analisando a relação dos estudantes de ensino médio de uma escola pública na cidade de Vitória, Capital do Espírito Santo (ES). Para tal, foi a partir do olhar dos alunos(as) jovens (e dos pensamentos do sociólogo Zygmunt Bauman) que a análise se desenvolveu, por meio de um questionário aberto realizado com 130 alunos de quatro turmas de segundo ano da escola estadual de ensino médio Renato José da Costa Pacheco e, também, por meio de entrevistas de grupo focal realizadas com quatro grupos de jovens alunos(as) dessa mesma escola. Lançou-se mão de Macedo (2000), quando ele fala sobre a relevância do questionário aberto nas pesquisas qualitativas, dizendo que este é uma importante ferramenta em prol de uma busca maior na riqueza dos dados. Já o grupo focal, para Macedo (2000, p. 178):

Trata-se de um recurso de coleta de informações organizado a partir de uma discussão coletiva, realizada sobre um tema preciso e mediada por um animador – entrevistador ou mesmo mais de um. Em realidade, configura-se numa entrevista coletiva aberta e centrada.

Pretende-se, com isso, descrever o cotidiano escolar e analisar as relações e as tensões que ocorrem entre os jovens e a escola. Para tal, foi utilizado o método do estudo de caso. Para Macedo (2000), o estudo de caso é uma categoria de pesquisa que analisa e estuda profundamente uma unidade. Um caso pode representar um mundo no qual muitos casos se sintam representados. Um caso constitui uma voz que pode, em um instante determinado, condensar as tensões e os desejos de outras tantas vozes silenciadas; “[...] o seu propósito não é representar o mundo, mas representar o caso” (MOLINA, 1999, p. 104).

Em um primeiro momento do artigo, descreve-se o cotidiano da escola pesquisada, tomando, como base, as visitas, as anotações do diário de campo e as respostas retiradas do questionário respondido pelos alunos e alunas. No segundo momento do artigo, serão trazidas as respostas obtidas por meio da realização de entrevista com quatro grupos (“Le Parkour”, “Pesadonas”, “As melhores” e “As amigas”) e pelos pensamentos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, com o intuito de melhor caracterizar as tensões e relações existentes entre os jovens e a escola.

DESCREVENDO O COTIDIANO ESCOLAR

Esta descrição do cotidiano escolar visa a aprofundar as relações que os jovens tecem com a escola e o seu espaço externo. Para tal, o primeiro exercício a ser feito neste capítulo foi reconhecer o espaço da escola (Renato José da Costa Pacheco) pesquisada, acompanhar o recreio, as aulas e aplicar o questionário aberto.

Ficou-se durante sete meses (de fevereiro até setembro de 2012) nessa escola. Tal escolha é justificada considerando que a escola foi eleita, no ano de 2011, como tendo o melhor ensino nas disciplinas de Matemática, Português e Ciências. Além disso, a escola apresenta infraestrutura de qualidade, comportando espaço físico adequado para práticas esportivas, culturais e, também, suporte para alunos com deficiência.

A escola situa-se no bairro de Jardim Camburi, na cidade de Vitória. Esse bairro é considerado como sendo de classe média e é um dos mais populosos da Capital. Conta com um pronto-socorro e maternidade, um shopping center, duas faculdades particulares, cinco escolas de educação infantil, três escolas de ensino fundamental e médio particulares, igrejas, restaurantes, lanchonetes, padarias, além de três supermercados. A escola foi construída em 2006, ainda na gestão do então governador Paulo Hartung. Possui dois pavimentos, com 13 salas de aula, uma sala de diretor, laboratório de informática, laboratório de arte, sala de vídeo, sala dos professores, sala de setor pedagógico, sala para planejamento e formação, sala para atendimento pedagógico especializado, secretaria, laboratório de Física, laboratório de Química e Biologia, almoxarifado, duas salas de coordenadores, cozinha, refeitório, quadra coberta poliesportiva, auditório, banheiros nos dois pavimentos, biblioteca, rampa emborrachada com acessibilidade para pessoas com necessidades educacionais especiais, quadra gramada, jardim (espaço livre), cantina e guarita para a guarda patrimonial.

As observações aconteceram no período matutino. A escola possui cinco turmas de segundo ano, quatro turmas de terceiro ano e três turmas de primeiro ano. Observei, ao todo, 70 aulas de diferentes disciplinas das turmas de segundo ano: 2M1 (15 aulas), 2M2 (15 aulas), 2M3 (15 aulas) e 2M4 (25 aulas), assim como também foram observados os momentos de entrada, de recreio e de saída de todos os(as) alunos(as). A primeira impressão da escola foi a de um local seguro, bem organizado e tranquilo. Em todos os espaços, havia professores e/ou funcionários e as salas sempre se encontravam fechadas, abrindo só quando ocorria alguma aula. Por mais que essa escola comportasse diversas salas, como de informática, auditório, biblioteca e laboratório, os alunos só podiam frequentá-las sob o aval de algum funcionário.

É interessante descrever como se deu a aproximação com o campo e com esse espaço escolar. Os momentos de entrada, recreio e saída eram intensamente frequentados pelos jovens que, em sua maioria, já possuíam todo o conhecimento do que fazer naquele espaço e dos indivíduos (outros alunos, professores e coordenadores) que ali frequentavam. As relações estabelecidas entre os diversos atores da escola eram medidas pelo grau de conhecimento e (falta de) intimidade que eles carregavam.

Percebi, então, nesse primeiro momento, que as relações se desenvolviam entre a aproximação e a distância dos sujeitos. Ao adentrar a escola como um sujeito (estrangeiro, vindo de outro contexto) diferente, notou-se que o olhar dos alunos se voltou de diversas formas. A princípio, os jovens mantinham uma relação de distância, preservando o anonimato e se comportavam como examinadores, na tentativa de enquadrar e classificar o “estranho” como algum ator daquele espaço (um professor, coordenador e/ou funcionário da escola). Mesmo eles não sabendo da identidade e do objetivo naquele ambiente, lá estavam os olhares voltados a nós; de certa forma, em uma vigilância silenciosa. Afinal de contas, éramos estranhos que repentinamente passaram a circular com liberdade dentro do espaço que eles conheciam (e dominavam). Lá estávamos, andando pela escola, observando os(as) alunos(as) e fazendo anotações no diário de campo.

Ao invés de os jovens nos manterem no anonimato, fora do espaço social daquele ambiente (por mais que fisicamente já estivéssemos incluídos), a fim de evitar o contato, houve uma forma de aproximação com o passar das duas primeiras semanas de ida a escola. Com isso, abriu-se a oportunidade de os jovens nos conhecerem e, a partir daí, tomarem ciência de quem éramos (e do que estávamos fazendo naquele espaço) e nos classificar dentro da escola. Os alunos perceberam que a ida a campo iria além de encontros casuais e efêmeros. Estaríamos presente ali, no cotidiano deles. Tal fato acelerou o processo de classificação e nos tornou “estranhos conhecidos”, pois os alunos passaram a tomar conhecimento do que estávamos fazendo e qual a nossa função naquele ambiente; no entanto, eles mesmos ainda não sabiam muitas coisas ao nosso respeito. Nesse momento, alcançamos o estágio entre o anonimato e a intimidade.

Os jovens alunos da escola começaram, então, a desenvolver mecanismos de encontros, com o intuito de que entrássemos em cena nos revelando (como o outro que partilhava o mesmo ambiente). O contato ocular era intenso e, já na segunda semana de observação, os jovens começaram a se dirigir na busca de nos conhecer melhor. Essa interação e o desejo de aproximação fizeram com que, além de estar dividindo o espaço físico, pudéssemos, também, fazer parte do espaço social desses jovens.

A escola é lugar de encontros. Encontros esses que muitas vezes não podem ser evitados. Os espaços do pátio, das quadras e dos corredores são lugares para se passar, mas, na escola, também são lugares para se usar. Os jovens alunos estão e se movimentam dentro desse ambiente, e a consequência disso são as interações que ocorrem entre esses sujeitos que lá estão. Assim, aos poucos, passamos do polo do anonimato para o polo da intimidade. Com o passar dos dias de visita e as aproximações dos alunos

com o intuito de nos conhecer, foram se desenvolvendo formas de interações com eles (conversas durante o recreio e a presença nas aulas) e, assim, aumentou a segurança e diminuiu a ansiedade na relação com os jovens.

Tendo conquistado interações e diálogos interessantes com os jovens da escola, nos sentimos preparados e confiantes para utilizar algumas ferramentas metodológicas, além do diário de campo e das observações das aulas, com o intuito de auxiliar na análise naquele ambiente. Aplicar esse questionário as quatro turmas que estávamos observando nas aulas ajudaria a traçar um perfil de seus alunos(as), bem como entender um pouco mais a relação deles com o espaço escolar. Ao todo, 130 alunos responderam ao questionário aberto, sendo: 34 alunos da 2M1, 36 alunos da 2M2, 34 alunos da 2M3 e 26 alunos da 2M4. A partir de agora, então, passamos a descrever a escola Renato José da Costa Pacheco, baseado nas observações das aulas, anotações do diário de campo e respostas do questionário aberto.

A ESCOLA, SUAS REGRAS E OS JOVENS: DESCRREVENDO O COTIDIANO ESCOLAR

A entrada na escola possibilitou observar como é o seu cotidiano. Não é qualquer sujeito que possui acesso ao universo escolar. Em frente ao seu portão principal, há uma cabine que funciona como uma espécie de portaria, mas o “porteiro” dá lugar ao vigilante escolar, que tem como função proteger o patrimônio da escola e vigiar a escola na entrada e na saída dos indivíduos (inclusive aqueles estranhos).

Uma forma de identificação é o uso do uniforme. Os alunos não podem ter acesso à escola e assistir as aulas se não estiverem portando o uniforme. Essa vestimenta gera clareza e classifica bem quem são alunos e quem são os outros indivíduos (como professores e funcionários) naquele ambiente. Assim, cada um sabe qual função exerce e qual função o outro realiza. Essa ideia de classificação ficou muito presente na escola. Lá, há um esforço, por parte dos funcionários e professores, em ressaltar a existência de lugares onde se deve sentar, onde se deve passar e onde se deve conversar. Exemplo interessante é que, nos corredores onde ficam as salas, havia alguns cartazes sobre a proibição do uso de aparelhos celulares naquele ambiente.

Com o questionário aberto, juntando as respostas dos alunos das quatro turmas, notamos que esses jovens pesquisados possuem entre 15 (39% dos jovens) e 19 (1% dos jovens) anos. Desses 130 alunos, 69 são meninas e 61 meninos; 77% dos jovens disseram estar solteiros, enquanto 23% estão namorando; 82% dos jovens não trabalham enquanto 18% trabalham. Sobre o relacionamento entre os jovens na escola, 87% disseram ser ótimo ou bom, 10% afirmaram ter relacionamentos normais com os colegas e apenas 3% classificaram os relacionamentos como ruins.

Quando perguntados sobre se já tinham algum plano ou pensamento do que fariam após o ensino médio, 88% responderam que queriam prosseguir os estudos entrando em uma faculdade e 12% que disseram não saber o que farão.

Nas primeiras observações no recreio da escola, percebemos que inúmeros alunos preferiam passar o recreio dentro das salas de aula. Isso se ratifica com a análise do questionário, pois, dos 130 alunos que responderam, 40 disseram preferir passar o recreio na sala, justificando, em sua maioria, pelo fato de fugir do sol e descansar nesse espaço. Após alguns dias, por pedido dos coordenadores, as salas foram fechadas, obrigando, assim, os alunos e alunas a buscarem outros locais. No entanto, grande parte dos alunos que ficavam nas salas passou a se reunir nos corredores e, em muitos casos, sentados em frente à porta fechada de suas respectivas salas. Ora, os corredores foram feitos para serem lugares de passagem na instituição escolar; contudo, os jovens de lá ressignificaram esse espaço, transformando o local de passagem em um local de parada e encontros.

Esse exemplo parece mostrar como a instituição (e seus funcionários) tenta manter a ordem por meio de classificações e regras. Durante toda a manhã, a coordenadora ficava andando pela escola a fim de manter a disciplina e corrigir algo que estivesse fora dos padrões. Alunos perambulando pelos corredores eram colocados de volta nas salas, aparelhos eletrônicos eram confiscados e casais de namorados obrigados a manter certa distância. No projeto político-pedagógico da escola, há uma carta da Secretaria de Educação do Espírito Santo, endereçada ao aluno, que justifica bem o fato de, por exemplo, a coordenadora agir de forma mais severa e rigorosa com os alunos no que tange as regras. Na carta, vale a pena destacar o seguinte parágrafo:

Com o objetivo de melhorarmos o padrão de qualidade de Ensino – a aprendizagem oferecida pela nossa Escola, bem como visando ao resgate de seu conceito perante a comunidade, em geral, necessário se faz estabelecermos algumas normas que nortearão os procedimentos disciplinares a serem seguidos por todos os alunos da E.E.E.M Renato Pacheco. Ressaltamos ainda que na elaboração das normas o nosso foco é você, pessoa humana e aluno, nosso maior patrimônio e que, como tal, merece por parte das equipes, pedagógicas e administrativas todo respeito e toda consideração (SEDU, 2007, p. 43).

A função do professor é dar aula e a do aluno é estudar e aprender. Os papéis são delegados e estabelecidos do mesmo modo que os funcionários da limpeza retiram o lixo do chão sujo após o recreio. Assim como os funcionários retiram o lixo, os professores e coordenadores procuram

eliminar todas as “impurezas” presentes nos alunos. Carrano e Peregrino (2003, p. 20) afirmam:

Não só o tempo é controlado, também o espaço da escola é objeto de controle por variados mecanismos institucionais. A circulação deve ser reduzida. As idas ao banheiro, confinadas aos tempos exíguos dos intervalos; o uso de equipamentos escolares (ainda que escassos), criteriosamente vigiado; o recreio em espaços definidos; as entradas e saídas dos alunos, observadas. As escolas, assim constituídas, se configuram como espaços de contenção física e simbólica de jovens e crianças.

No período em que ficamos na escola, notamos algumas ações nesse sentido. Certa vez uma aluna chegou junto à coordenadora para entregar-lhe algum tipo de documento impresso. Enquanto as duas conversavam, a coordenadora notou que a aluna tinha um piercing no nariz. Imediatamente a aluna foi repreendida e, em tom de “brincadeira”, a coordenadora disse que aquilo era feio e perguntou se a aluna conseguia esconder o objeto. A aluna, por sua vez, mostrou-se indiferente perante a fala da coordenadora. Manter o local limpo, organizado e fazer com que cada indivíduo saiba seu papel foi aspecto percebido na escola. Além do local, observei que os jovens também são “obrigados” a se manterem “limpos”. Ou seja, piercing, tatuagens, outras roupas e acessórios que não pertencam ao conjunto do uniforme parecem, na visão de alguns funcionários e professores, “sujar” o(a) jovem/aluno (a).

Quanto mais organização, limpeza e regras, melhor. Quanto mais ordem, melhor! Segundo Tomazetti et al (2011), a cultura escolar, ao longo do tempo, formou-se por meio de seus currículos, discursos, normas e valores, pautados na homogeneidade, na sistematização e na ordem, não abrindo espaço para as novas culturas que os jovens alunos trazem para dentro do universo escolar. O intuito que a escola tem de manter cada indivíduo em seu devido espaço e controlar todos os movimentos da sua rotina diária e, quando essa rotina é afetada e/ou os jovens burlam as normas (por exemplo, não voltar para sala após o recreio), eles são quase sempre punidos e, muitas vezes, marginalizados. Outra situação destacável ocorreu quando duas alunas se encontraram no corredor da escola e, de forma afetiva, se abraçaram e começaram a trocar palavras e gestos de carinho. Rapidamente uma funcionária da escola interrompeu a sessão passional das alunas e pediu que as duas ficassem a certa distância uma da outra.

E é nessa esteira das regras e rituais que os portões são abertos e trancados a cada entrada e saída dos alunos. Se a aula é de Educação Física, o portão da quadra é trancado, fazendo com que todos os alunos lá permaneçam. No recreio, as salas e a quadra são trancadas; os alunos se espalham para os outros espaços permitidos, e a arquitetura

da escola se (re)configura, dessa maneira, cercada por portões e grades que só se abrem se os alunos apresentarem alguma finalidade em atravessá-las. Poderíamos traçar um paralelo entre o universo racional, utilitário e, de certo modo, voltado para o futuro que é a escola; e o mundo juvenil, no qual parecem prevalecer, ao menos segundo Maffesoli (2003, p. 23), o presente e a presença da imagem:

A vida é vivida sob forma de avidez. Não é mais que simples consumo, mas uma intensa consumação. Sociedade de consumação perceptível, em particular nessas práticas juvenis que já não se reconhecem nesses 'adiamentos de gozo', que são a ação política ou o projeto profissional, mas que quer tudo e de imediato.

Outras restrições e consequentes reclamações se referiam ao vestuário. Os alunos não podem ir à escola de boné, nem de chinelo. O uniforme precisa ser o da escola e blusas de frio só são permitidas dentro da sala. Todas as alunas usam calças e o motivo disso é que elas não podem usar o short curto. Elas reclamam que o short da escola ser muito grande e feio. Ao proibir e limitar os alunos no que diz respeito ao vestuário, a escola cria uma tensão entre os(as) alunos(as) e os(as) professores/funcionários. Como é um local de encontros (e desencontros), a aparência tem valor ímpar. Os jovens alunos parecem se comportar (ou pelo menos tentar) dentro da escola do mesmo modo como se comportam e vivem fora dela.

Com a expectativa de compreender o que os alunos pensavam desse espaço regado, no questionário aberto, perguntamos aos 130 alunos se eles mudariam algo na escola: 62 (47,6%) disseram querer mudar algo, 60 (46%) não mudariam, 1 aluno não sabe e 7 (6,3%) não responderam. Em relação às mudanças, muitos deles se mostraram insatisfeitos com as regras e proibições estabelecidas pela escola. Uma aluna da turma 2M3 disse que mudaria: "Alguns regimentos (usar chinelo, etc.), alguns espaços (bancos etc.)". Outro aluno da mesma sala disse: "Sim, a educação de alguns professores e a democracia da escola.". Outra aluna da turma 2M4 afirmou que mudaria: "Sim, a coordenadora gosta de impor leis que não existem nas leis da Sedu como não usar blusa de frio". Para eles (os jovens), não há por que proibir e adiar. Diversos alunos, ao entrarem na escola, retiram seus bonés, camisas, gorros e guardam seus celulares e óculos de sol. Quando encontram uma brecha dentro da escola, eles colocam de volta seus apetrechos.

Segundo o projeto político pedagógico da escola (2007, p. 43), "O uniforme escolar (camisa do E.E.E.M Renato Pacheco, calça jeans ou bermuda azul, tênis para Educação Física) é de uso obrigatório durante todo o período letivo". Assim como não é permitido aos alunos entrar ou sair da sala sem a permissão do professor,

fumar nas dependências da escola, promover festas sem a autorização da direção, dentro ou fora da escola, usando o nome da instituição, usar aparelho celular, mp3 ou ipod, permanecer nos corredores, entrar na sala dos professores, exceto se convidado, assim como usar short, minissaia, decotes ousados e blusa curta.

São pontuados, também, alguns aspectos sobre qual postura o aluno deve ter no ambiente escolar. Dentre eles: conviver harmoniosamente com os colegas e os educadores; adotar comportamento adequado na sala e nas demais dependências da escola; ter responsabilidade com objetos pessoais e bens materiais; ser pontual e assíduo nas aulas e nas atividades escolares; portar-se com disciplina na escola e nos ambientes das atividades extraclasse; apresentar-se uniformizado e munido do seu material escolar. Por fim, o PPP diz que o aluno que infringir qualquer item das normas está sujeito às sanções próprias para cada caso, de acordo com o Regimento Interno da escola (PPP, 2007).

O uso de boné, de um calçado diferente (colorido ou próprio para a prática de esportes), de piercing e acessórios pode identificar o jovem em um grupo e/ou diferenciar de outros dentro do ambiente escolar. Os jovens alunos, dentro da escola, fazem tudo para não deixar de usar seus aparelhos eletrônicos e acessórios. Notamos, durante as andanças (pelo pátio e pelos corredores da escola), que é no momento do recreio e das aulas de Educação Física que eles, sozinhos ou em grupos, mais se comunicam com seus celulares, tiram fotos, ouvem músicas e entram na internet.

Esses momentos são os ideais para burlar as regras da escola. Afirmo isso, pois, em diversas ocasiões, presenciamos professores encaminhando objetos de alunos, como celulares e bonés, para a coordenação. Um fato corrente nas aulas de Educação Física de todas as turmas de segundo ano diz respeito ao uso da internet pelos celulares. Já que, durante as outras aulas, os alunos não podiam utilizar, eles esperavam a aula de Educação Física para poder usar seus aparelhos (nas aulas de Educação Física, também era proibido o uso do celular, no entanto o professor fazia “vista grossa”). Os jovens se espalhavam pela arquibancada, banheiros, quadra e pátio. Tranquilamente eles ficavam 50 minutos navegando pela internet. Fato curioso foi quando alunos das quatro turmas de segundo ano vieram (com seus celulares) até nós durante as aulas, perguntando o nome completo e se tínhamos *facebook* para adicioná-los. Esse exemplo se aproxima do que Tomazetti et al. (2011) ressaltam a respeito da relação entre a postura normativa da escola e as novas possibilidades de vivências criadas pelos jovens dentro desse espaço:

Tal postura instituída, contudo, embora inviabilize a plena participação juvenil nas pautas da escola – na medida em que os jovens passam a desinteressar-se por um contexto que não efetivam práticas de escutas efetivas,

que pudessem tornar as falas juvenis como elementos para repensarem suas práticas -, não impedem que sejam elaboradas outras formas de ação por parte desses atores, de modo que a materialidade dos lugares seja reconfigurada através de outros modos de habitá-los e narrá-los (TOMAZETTI et al., 2011, p. 88).

Essas proibições e tensões existentes entre a escola (funcionários/professores) e alunos(as) não podem ser vistas sob a ótica da culpabilização (seja ela voltada para a escola e suas regras, seja voltada para os alunos com suas vontades e reclamações). Essas “proibições” a que a escola adere são formas de fazer com que os alunos entendam que aquele espaço é um espaço onde determinado tipo de ações (como ficar usando celular durante as aulas) e de comportamentos (usar roupas impróprias) não são adequados. Muitas vezes, esses jovens convivem em um contexto social desestruturado e destituído de regras e normas, restando esse papel para a escola. Segundo Pérez Gomez (1998, p.26), a função educativa da escola contemporânea deve:

[...] se orientar para provocar a organização racional da informação fragmentária recebida e a reconstrução das pré-concepções acríticas, formadas pela pressão reprodutora do contexto social, por meio de mecanismos e meios de comunicação cada dia mais poderosos e de influencia mais sutil.

Quanto à escola, foi se desenhando com uma forte tensão subjetiva entre seus atores: os jovens reclamam da escola e dos professores/funcionários, e esses, por sua vez, reclamam dos alunos, dizendo que eles não querem estudar e não respeitam as regras. Para Pérez Gomez (1998), o caminho correto é viver a escola de forma democrática, ou seja, não procurando culpados na relação entre a escola (professores) e os jovens, respeitando o equilíbrio entre a esfera das necessidades e dos interesses dos diferentes atores que atuam nesse espaço: os jovens e o corpo pedagógico.

A ESCOLA E O UNIVERSO JUVENIL: UMA LEITURA COM A AJUDA DE ZYGMUNT BAUMAN

Aqui lançaremos mão dos questionários abertos, dos pensamentos do sociólogo polonês, radicado na Inglaterra, Zygmunt Bauman, das entrevistas de grupo focal realizada com os quatro grupos e de uma conversa realizada com a coordenadora e a pedagoga da escola. Vale pena, agora, realizar uma apresentação do sociólogo polonês. Para entendermos Bauman, é necessário destacar suas principais ideias e conceitos, a fim de interpretar e pensar o tema aqui investigado. Para melhor compreensão da obra desse autor, torna-se interessante o que ele pensou acerca da sociedade moderna sólida e da sociedade moderna líquida, bem como as características desses dois períodos. Quando Bauman

escreve sobre a sociedade moderna sólida, o conceito de ordem é de fundamental importância. Segundo Almeida, Gomes e Bracht (2009, p. 16), na esteira de Bauman, “[...] ordem é resultado da função nomeadora e classificadora desempenhada por toda e qualquer linguagem”.

A modernidade sólida, com sua proposta de durabilidade, pautou-se pela busca da ordem, eliminando e excluindo todo o tipo de imprevisto e desordem. A intenção era deixar o lugar limpo, sempre em busca de algo novo, melhor e mais sólido. No entanto, ao passo que o Estado moderno sólido se empenhava na tarefa de ordem, crescia um impulso contrário, que produzia mais caos e desordem. Essa relação ordem/caos foi denominada por Bauman de ambivalência. Quanto mais ordem se buscava, mais caos se tinha, gerando a ambivalência.

A modernidade sólida contou, também, com dois aliados no que se refere à manutenção na tarefa de ordem: o Estado jardineiro e os filósofos legisladores. Segundo Bauman (1993), o surgimento da modernidade foi um processo de transformação das culturas-selvagens em culturas-jardins, em que esta última, por meio do Estado jardineiro, buscou expulsar e destruir tudo que a primeira tinha produzido até então, com o intuito de “plantar” em seu lugar novos ideais de projetos e vigiar interminavelmente as ações dos indivíduos.

Os filósofos legisladores, de acordo com Bauman, foram personagens importantes da maquinaria moderna sólida e tinham como função sustentar um discurso intelectual no qual apenas eles, dotados de razão, poderiam mostrar o caminho para que os indivíduos alcançassem a felicidade. A ciência biológica e médica são exemplos de conhecimentos que, no período moderno sólido, se portaram como verdadeiros oráculos a fim de apontar o conhecimento verdadeiro e inquestionável.

Em contrapartida ao que Bauman chamou de modernidade sólida, o autor propõe o uso da metáfora da modernidade líquida para caracterizar a sociedade contemporânea. Esta, por sua vez, não mais pautada pela durabilidade, pela ordem e pela racionalidade, mas, sim, pela liquidez na qual nada consegue manter sua forma por muito tempo; uma época em que a rotina e a mesmice não são bem vistas e tudo que é sólido se desmancha no ar. A modernidade líquida, segundo Bauman (1993), aponta e coloca em xeque características da modernidade sólida, sobretudo quando pensada nas funções que outrora exerciam o Estado jardineiro e as instituições seguradoras da ordem. Nesse cenário torna-se importante enxergar o papel da escola e da representação que os jovens possuem dela no mundo atual, chamado por Bauman de modernidade líquida.

Ao separar os quatro grupos dentro do colégio, um dos assuntos conversados foi em relação à escola. Os

alunos falaram a respeito dos conteúdos, dos professores e do cotidiano escolar, dando pistas sobre as tensões entre o universo juvenil e o universo da escola. Na entrevista de grupo focal, a primeira pergunta feita aos grupos em relação à escola foi sobre o motivo de os alunos frequentarem à mesma e qual a importância que ela tem na vida desses jovens. Os jovens do “Le Parkour” disseram:

É uma coisa diferente assim, não tem como você fugir da escola, então não é muita opção, é obrigação, assim, é o que eu acho, porque lá fora assim é um negocio difícil. Se você não estudar, já era. Você vira peão (JUNQUILHO).

Venho para escola porque eu tenho que aprender alguma coisa na vida. Tenho que escolher o que eu quero. Para mim essa é a importância da escola. Estamos nos preparando para quando a gente for adulto. Pô, ano que vem não tem mais essa brincadeirinha de terceiro ano, vamos ter que botar a cara na vida mesmo, entende? Alguns vão estudar, outros trabalhar, alguns vão fazer os dois, outros nenhum dos dois (DALIO).

Velho, eu venho porque aqui é a oportunidade de mudar minha vida. Ta estudando aqui é que eu vou conseguir ser alguém lá fora, passar numa faculdade, ser quem eu quero ser e a oportunidade ta aqui dentro. É você estudar, se dar bem e se destacar e partir pra uma profissão que seja de sua escolha. Acaba aquela relação de quando você vai para escola e sabe que vai encontrar aquelas pessoas todo dia. Depois que acabou aqui, é complicado, você já cai na vida de cabeça (GOIVO).

Interessante notar como esses jovens desvinculam, em suas falas, a escola do mundo fora dela. A expressão “lá fora” expressa bem essa dicotomia, como se dentro da escola as coisas acontecessem com formas e ritmos totalmente diferentes. Os três jovens ainda enfatizaram a importância que esse mundo da escola tem para a vida cotidiana, como forma de preparação para uma vida adulta ou para o trabalho. Em referência às grandes instituições da modernidade (e nela podemos colocar a escola), Bauman (2001) trabalha com a ideia de que tais instituições ofereceram caminhos sólidos que levariam os sujeitos a sua “transcendência”.

Bauman (2009), ainda relata que a educação foi “pensada” para um mundo durável (modernidade sólida) e pretendia, assim, permanecer e se perpetuar pautada cada vez mais pela ordem e pela solidez. Nesse mundo moderno, a memória e a durabilidade do conhecimento eram valores importantes a serem preservados. Assim, a escola era um dos espaços propícios para se chegar a uma vida mais digna e controlada. Parece que os jovens entrevistados ainda delegam para escola a importância de uma vida mais

sólida e controlada; no entanto, aqui já começam a surgir alguns sinais de que a obrigatoriedade de frequentar esse ambiente vem causando desconforto nos jovens.

Hoje, na visão de Bauman (2009), parece que o conhecimento durável e uma memória sólida não apresentam utilidade diante das inúmeras possibilidades de conhecimento que se apresentam para os jovens contemporâneos. Outros artefatos culturais (como a internet, os jogos eletrônicos, a televisão, a mídia e o mercado) estão presentes para aconselhar a juventude, além daquela instituição (a escola) que, durante muito tempo, foi única e legitimada para essa função. Agora, são várias as instituições que estão dispostas a dar um conselho diferente e específico sobre determinado assunto.

Para os jovens entrevistados, o “mais legal” da escola é estar fora da sala e encontrar os amigos. Quando perguntados “do que os alunos mais gostavam na escola”, Dálio, do grupo do “Le Parkour”, disse: “O que eu mais gosto na escola é ouvir música na aula de Matemática, nirvana. A gente nunca vai dizer que o que a gente mais gosta é a aula”. Lírio, integrante do grupo das “Pesadonas”, respondeu: “É de estar fora da sala. Porque eu não tenho saco para aula, ainda mais quando você é repetente e tem que ver tudo de novo, ai você não consegue”. Já Azaleia e Fúcsia, do grupo das “Amigas”, disseram: “A parte boa é que por mim, quando eu estou muito na sala e quando eu vou lá pra fora, para outro lugar, me ajuda a refrescar mais, conviver também com outras pessoas também, não sei” (AZALEIA).

O conhecimento de sala de aula é visto pelos jovens como chato e obrigatório, apesar de eles mesmos reconhecerem a importância dos estudos para o trabalho e o futuro. Junquilha, do “Le Parkour”, disse: “Eu não gosto porque é muita burocracia, você não é meio livre para fazer muita coisa. Assim, é muita regrinha ai eu acho que fica meio enjoado”. Dálio apresentou questionamentos parecidos com o de Junquilha:

Eu tenho o mesmo problema que o Junquilha. Não gosto muito de regras, eu nunca fui de aceitar muito elas, inclusive, já tive muito problema por causa disso. Uso de celular, sair da sala sem pedir. Não por causa do *parkour*, é da minha personalidade. Eu sempre pensei assim: se é uma regra idiota, não tem por que eu seguir.

Magnólia, do grupo das “Pesadonas”, apresentou também fala semelhante, ao responder sobre o que menos gosta na escola:

De levar ocorrência por motivos idiotas e bestas. Tipo quando você não ta na sala e não quer assistir aula e vai levar ocorrência porque não quer assistir aula. Ou então quando você ta com o celular e eles pegam seu celular

e você leva ocorrência, sendo que ta no regimento que a escola só pode ficar até o fim da aula com o celular. A gente leu o regimento, a gente sabe tudo do regimento, mas não adianta.

Ora, parece que, aqui, começa a reaparecer a tensão entre o universo juvenil e o mundo da escola. Tensão essa que é consequência das regras estabelecidas pela escola. Os jovens não concordam com elas e acabam entrando em conflito com a escola. Bauman (2009) diz que, no mundo moderno, a diferença entre os caminhos certos e errados era clara e fixa. Os indivíduos que recusavam os caminhos certos eram imediatamente reprimidos e punidos, enquanto aqueles que os seguiam, obedientes, eram gratificados. Como vimos nas falas dos jovens, a escola, na sua ânsia por liderar e demonstrar o caminho “certo”, acaba perpetuando a ideia supracitada de recompensar os obedientes e punir os indisciplinados. No entanto, os caminhos certos para os jovens de hoje, em sua maioria, parecem não ser tão iguais ao que a escola oferece. Os jovens, por exemplo, não veem problema em sair da sala e em usar aparelhos eletrônicos e celulares.

A educação centrada na escola, que seguia rígidos programas de estudos e definições claras nos processos de aprendizagens, para Bauman (2005), já não se adequa mais à modernidade líquida (sociedade contemporânea), em que as instituições escolares estão cada vez mais sofrendo pressões “desinstitucionalizantes”. Sua existência e sua utilidade são demasiadamente colocadas em xeque no mundo atual. Perguntamos aos grupos como seria a escola ideal para eles. Junquillo, do grupo do “Le Parkour”, disse: “Ah, cara, que tivesse mais opções, uns atrativos a mais. Temos que seguir muito o padrão”. Lírio, do grupo das “Pesadonas”, respondeu: “Que os professores e coordenadores ouvissem mais os alunos e não pensassem só em prejudicar, mas em ouvir também”. Aqui, aparece de forma mais clara uma tensão entre o que os jovens anseiam em relação à escola e o que está última tem oportunizado para eles.

Essa tensão acentuou-se mais ainda, quando perguntamos aos jovens qual a relação que eles fazem com o que aprendem dentro e com o que aprendem fora da escola. Hortência, do grupo das “Melhores”, disse: “Em relação às regras, a gente aprende a ser pontual, não pode falhar, não pode faltar, não pode isso, não pode aquilo. Igual o inglês, o inglês que a gente aprende aqui na escola não é nada. Fora é muito melhor”. Não podemos esquecer, também, que vivemos em uma sociedade (contemporânea) que não se adapta bem as regras disciplinares. Vimos que as tensões existentes entre o universo juvenil e a escola Renato José da Costa Pacheco são percebidas pelos jovens, mas eles não são os únicos indivíduos que se incomodam com essa tensão. Entrevistei também os professores e coordenadores. Esses

outros membros integrantes da escola também parecem se incomodar. Quando perguntada sobre a participação dos jovens no cotidiano escolar, a coordenadora disse:

Eu acho fraca, eu acho fraquíssima. Eles acreditam nessa história de tirar dois representantes de cada turma, isso para mim não é participar. A escola valoriza muito isso. Mas eu acho que não tem muita participação. Por exemplo, a diretora não aceita que eu deixe as salas abertas no recreio. Os meninos reclamaram, mas eu mandei o representante ir lá perguntar para a diretora, e não para mim. Eu não vejo uma motivação na escola em relação à participação dos alunos. Eu não sei o que os alunos entendem em representar os outros.

Ao término da entrevista, a coordenadora comentou, ainda, sobre o uso do espaço escolar, citando, como exemplo, um dia no qual os alunos quiseram apresentar um teatro (para a aula de Biologia) e não conseguiram devido à burocracia imposta na escola. Oliveira e Tomazetti (2012), ao refletirem sobre a condição juvenil na escola contemporânea, dizem que, apesar de o ambiente escolar vivenciar as mesmas transformações culturais que seus jovens alunos e professores, o ensino médio continua disseminando a ilusão de que, nele, a vida segue pautada pelas características do período moderno. Ora, é só lembrarmos da expressão “lá fora” utilizada pelos jovens do “Le Parkour” no início do tópico, designando como eles já consideram esses dois momentos separados. Para Oliveira e Tomazetti (2012, p. 118), os sintomas resultantes são:

[...] ausência do sentido dos conteúdos escolares e conseqüente incremento dos fatores a mobilizar a evasão escolar; desinteresse manifesto pela prática pedagógica dos professores e seus objetivos; reinvenção do espaço da sala de aula para o lazer e as brincadeiras, tão somente; e ainda, uma resistência contundente a figura de muitos professores [...].

Dálio, do grupo do “Le Parkour”, disse: “O que a gente aprende aqui é o que a gente vai precisar para nossa vida e o que a gente aprende fora é a minha vida. É muita teoria, tem muita coisa que eles colocam na nossa cabeça que não tem muito valor”. A fala de Dálio (mesmo contraditória a sua fala anterior), também nos leva a refletir que, no contemporâneo, muitas coisas que a escola ensina (para ele: a teoria) não possuem sentido para os jovens.

A pedagoga da escola também ressaltou algumas questões referentes à participação dos alunos na escola, que vão ao encontro das reflexões de Oliveira e Tomazetti (2012), no sentido de demonstrar as diferenças entre o que a escola propõe e o que os jovens anseiam:

Não tem. O máximo que a escola tem é o treino e o interclasse, que tem que funcionar no recreio, com o horário apertado. Por que, a es-

cola não poder não ter a aula para ter atividade cultural, não pode. Tudo tem que ser feito no horário de aula. O aluno tem que estar em sala de aula o tempo todo. Não tem muito essa participação. Não por eles não quererem participar, que se tiver eles participam. Para levarem eles no cinema foi uma dificuldade tão grande que os professores acabaram desistindo. Nunca tivemos uma festa aberta na escola.

As relações entre os jovens e a direção, no que diz respeito às regras, foram sendo melhoradas ao longo dos sete meses em que ficamos na escola, e os alunos passaram a ter uma maior participação no cotidiano escolar. Durante esse período, presenciamos alguns eventos que, nos anos anteriores, segundo a coordenadora, não foram oportunizados aos jovens, como: a Semana de Arte, na qual os alunos expuseram quadros pintados por eles. Também participamos da festa junina na escola, que envolveu todos os alunos e professores, e houve o torneio interclasse de futebol. Eventos esses que foram tentativas, por parte do corpo pedagógico, de oferecer ao aluno jovem o conhecimento e a aprendizagem de um modo diferente daquele maçante das salas de aula. Ainda que de forma esporádica, essas tentativas aconteceram com sucesso, porém não eliminando a tensão existente.

CONCLUSÃO

Consequência dessa tensão é a dificuldade que a instituição escolar e os professores parecem enfrentar com a intensa oferta de prazeres, conteúdos e aparelhos que estão disponíveis para os jovens. Devemos atentar, então, para essas tensões que surgem, principalmente, por parte dos jovens de dentro da escola. O cuidado deve ser tomado menos no sentido de apontar o culpado na relação jovem/escola e mais de construir diálogos e ferramentas para que esses dois universos coexistam de maneira fundamental para a juventude no que tange ao presente e ao projeto futuro.

Concordamos com Oliveira e Tomazetti (2012, p. 114) quando dizem que “[...] a sala de aula se apresenta, sem dúvida, como um espaço privilegiado de diagnóstico das transformações culturais de nosso tempo”. Vimos que a escola, no período moderno, foi instituição central para o entendimento da juventude. Hoje, parece que a escola ainda possui importância para os jovens. Para eles, o papel da escola parece ainda ser o mesmo, qual seja, o de ensinar, garantir um futuro melhor ou preparar o aluno para ser alguém na vida. No entanto, são os meios e os processos dessa aprendizagem que incomodam os jovens de hoje.

Poderíamos nos remeter a Bauman para fazer uma analogia a respeito do fato de a juventude hoje não querer a rotina, estar sempre em busca do novo, enquanto a instituição escolar encontra dificuldades para acompanhar essas transformações. Aliás, deveria essa instituição acompanhar as transformações?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. Q; GOMES, I. M; BRACHT, V. **Bauman e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Ética da pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1993.

_____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Entrevista sobre educação: Desafios Pedagógicos e Modernidade Líquida**. Trad. Neide L. de Rezende e Marcello Bulgarelli. Cadernos de Pesquisa, v. 39, n. 137, maio-agosto 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010015742009000200016&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 ago. 2011.

ESPÍRITO SANTO (SEDU). **Currículo básico comum (CBC) da escola estadual**. Disponível em: http://www.educacao.es.gov.br/download/SEDU_Curriculo_Basico_Escola_Estadual.pdf. Acesso em: 15 jan. 2012.

MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: Edufba, 2000.

MAFFESOLI, M. **O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. São Paulo: Zouk, 2003.

MOLINA, R. M. K. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, V; TRIVINOS, A. N. S (org). **A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Editora Universidade/ UFRGS/Sulina, 1999.

OLIVEIRA, A. M; TOMAZETTI, E. M. Sobre a condição juvenil na escola contemporânea: cenários de uma crise. **Atos de Pesquisa em Educação**, v. 7, n. 1, p. 106-121, janeiro./abr. 2012. Disponível em: <<http://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/2386/1933>>. acesso em: 15 maio 2012

PÉREZ GOMEZ, A. I. As funções sociais da escola: da reprodução a reconstrução crítica do conhecimento. In: SACRISTAN, J. Gimeno; PÉREZ GOMEZ, A. I. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 13 – 26.

TOMAZETTI, E. M. et. al. Entre o “gostar” de estar na escola e a invisibilidade juvenil: um estudo sobre jovens estudantes de Santa Maria, RS. **Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 1, p 79-94, jan./abr. 2011.